

Entrevista ao Anónimo de Sintra⁽¹⁾

O acaso pôs no nosso caminho um estudioso dos temas versados no livro **A Terra Oca**. Dada a extraordinária difusão que hoje se verifica, assim como o interesse generalizado que existe por estes assuntos, não quisemos perder a oportunidade de fazer-lhe algumas perguntas que, de qualquer modo, elucidassem um pouco a leitura desta obra. Eis as respostas concedidas pelo entrevistado, o qual prefere manter o anonimato, mas a quem, por razões editoriais, chamaremos o Anónimo de Sintra.

P. — **A Terra Oca** cita diversas fontes de referência ao Mundo Subterrâneo. Conhece algumas outras fontes que aludam aos mundos interiores e aberturas polares?

R. — A primeira versão conhecida no Ocidente relativa ao Mundo Subterrâneo surgiu no início deste século, em 1910, salvo erro, nas obras desse escritor tão estranho quanto genial, Saint-Yves d'Alveydre. Saint-Yves teve a oportunidade rara de encontrar na sua vida uma dessas personagens misteriosas, um Mestre Invisível ou Desconhecido, que lhe desvendou a existência dessa **região misteriosa**, o Mundo de Agartha.

Alguns anos mais tarde, em 1921, Ferdinand Ossendowski, no seu famoso livro **Animais, Homens e Deuses**, relata-nos as peripécias da sua digressão através da Mongólia e aquilo que ouviu do Houtouktou Jelyl-Djamsrap, assim como do seu amigo Geloug e dos grandes dignitários do Buda Vivo do Oriente, acerca da **Agarthi**⁽²⁾ e do Rei do Mundo.

Mas ninguém foi tão longe como Henrique José de Souza, uma das maiores autoridades sobre o assunto, o qual, mediante os ensinamentos ministrados aos seus discípulos e as teses expostas no seu livro **O Verdadeiro Caminho da Iniciação**, teceu vastas considerações e prodigalizou descrições pormenorizadas sobre o interior da Terra.

É muito curioso notar, contudo, que cerca de dois séculos antes de Reed, de Gardner, de Raymond Bernard ou dos autores nomeados anteriormente, existiriam, por certo, alusões às embocaduras polares, aqui e ali no Ocidente, como pudemos comprovar ao descobrir um texto do século XVIII, com pretensões científicas, o que demonstra que a convicção de que a Terra é oca e possui aberturas nos pólos seria mesmo uma ideia de tipo comum. Foi talvez a atitude empírico--mecanicista do séc. XIX que relegou tal tradição para o domínio do esquecimento.

Infelizmente o texto, da autoria de Francisco de Vasconcelos, da Ordem de Aviz, ao descrever a teoria dos **hydrofilacios**, ela mesma colhida de autores muito mais antigos, não nos revela a origem das suas fontes. Porque consideramos interessante e, até, oportuno exumar esta obra, hoje tão difícil de ser encontrada, da poeira dos arquivos, parece-nos preferível facultar-lhes o próprio texto⁽³⁾.

O que não há dúvida é que, quer no Oriente quer no Ocidente, são manifestas as aflorações na mitologia, no folclore, nas tradições escritas e orais de todos os povos, desde a mais remota

⁽¹⁾ In Raymond Bernard, **A Terra Oca**, Coleção Cavalo Branco nº 1, Editorial Minerva, Lisboa, 1976, pp. 215 a 223.

Autor: Dr. Olímpio Neves Gonçalves, Prior-Mor do Priorado Sinárquico Eubiótico da Lusitânia, em entrevista realizada em 1976, então designado “Anónimo de Sintra”.

⁽²⁾ Ossendowski diz Agarthi, à maneira mongol, e não Agartha.

⁽³⁾ O texto transcreve-se no final desta entrevista.

antiguidade, à lenda do Mundo Subterrâneo como sendo a Terra Sagrada, o Eden, o Reino da Eterna Felicidade.

Se toda a tradição asiática faz referência à **Asghardi** dos tibetanos e à **Ermedi** dos mongóis, se nos Vedas hindus se menciona **Hemâdri**, a Montanha de Ouro, se as escrituras persas a citam como sendo a **Alberdi** ou **Aryana-Vaejo** e os hebreus como a **Canaan**, também, e por igual modo, a tradição ocidental, fértil nas suas alusões, mantém na perenidade da sua presença o halo eterno deste foco irradiador que preside aos destinos do Homem e das nações, **Shamballah**, coração de **Agartha** e Mansão dos Deuses, verdadeiro **omphalos** ou «umbigo» do Mundo.

Os povos do novo continente faziam referências frequentes à **cidade sagrada**, oculta, morada original donde dimanavam ciclicamente os grandes Iluminados e Renovadores da humanidade, os **Manco-capacs**, os **Bochicqs**, os **Quetzal-coatls**, os **Viracochas**, os **Osiris**, os **Budas**, os **Cristos**, os **Lao-Tseus**, os **Zoroastros**, em suma, os supremos Instrutores de todas as raças e de todos os tempos. Os Aztecas reverenciavam-na como a **Túlan**, os Mayas como a **Maya-Pan**, a cidade que os conquistadores, mais tarde, procuraram activamente na miragem do ouro, o **El-Dorado**, e a que os autóctones chamavam a **Manoa, cidade dos tectos de prata, cujo rei usa vestes de ouro**.

Ela é o **País de Tertres**, a pátria de Lug, o iniciador de face resplandecente dos Celtas e herói dos Tuatha Dé Danann, que um dia, tão subitamente como tinham vindo, abandonaram a Irlanda, a verde terra de Erin, de regresso a Duat, à região misteriosa. É tanto a **Cidade dos Doze Ases** dos Eddas escandinavos como a **Walhallah** da gesta dos germânicos, em que Richard Wagner se inspirou para compor as figuras de Parcifal e Lohengrin, heróis cuja pátria inacessível era o **Mont-Salvat**, templo guardião do precioso cálice, o Santo-Graal, algures, nos confins da Ibéria...

E é assim que em todo o ciclo literário da Bretanha ou Arturiano perpassa o sentimento de nostalgia pela **Belovedye**, a **Bela-Aurora**, pátria dos Galaazes imortais e aspiração suprema na demanda do Santo Vaso.

«Adeus, Belovedye⁽⁴⁾, parto para a terra onde não cai granizo, onde não chove, onde não existe a doença nem a morte, para o país da eterna juventude» diz o Rei Artur, despedindo-se de um dos Cavaleiros da Távola Redonda!

Mas a lenda do Graal é bem anterior aos ideais de cavalheirismo dos ciclos bretão e carolíngio da idade-média. História de origem druídica, logo muito mais antiga do que poderemos supor, como o demonstra Robert de Borom, no séc. XII, na altura em que Christian de Troyes compunha o seu **Perceval**.

São inúmeras na tradição cristã as referências a Agartha. Seria estultícia pretendermos exaurir tema tão complexo e prolixo numa simples entrevista deste género. Mas quem não se recordará das famosas epístolas de S. Paulo **Agartha-al Ephesim**, **Agartha-al Galatim**, **Agartha-al Romin**, isto é, de Agartha aos Efésios, de Agartha aos Gálatas e de Agartha aos Romanos?

Sempre a misteriosa mansão dos eleitos cuja memória o inconsciente colectivo da raça retém como exigência primordial e necessária, postulada à sobrevivência do seu próprio ser. Daí a permanência do mito em toda a Europa frente ao lendário reino de Prestes-João ou Pai-João, já que, frequentemente considerado na sua dupla função de Rei e Sacerdote, perseguido por muitos como um símbolo, por outros como uma realidade, mas jamais surpreendido em seu enigma profundo, fugidio, pois está localizado no seio mesmo do planeta, no **Sanctum-Sanctorum** da **Mater-Rhea**, a **Mãe-Terra**.

⁽⁴⁾ Nome de um dos Cavaleiros da Távola Redonda.

Apêndice de “A TERRA OCA”

Como o Olimpo dos Gregos ele tem o seu cume no céu, o meio na terra, mas a base no **inferno**, no **inferior**, em baixo. VISITA INTERIORA TERRAE RECTIFICANDO INVENIES OCCULTUM LAPIDEM⁽⁵⁾, eis o axioma sibilino da sigla criptográfica VITRIOL, de tradição Rosa-Cruz, em que cada palavra corresponde a um estado preciso de consciência e de marcha na evolução.

Com efeito, aí está a PEDRA, a pedra cúbica, aparelhada e aperfeiçoada pelos artesãos e construtores do universo, a Agartha imperecível, Alfa e Omega, começo e fim de todas as coisas...

P. — A obra de Raymond Bernard fala-nos da existência de um Mundo Interior sem, contudo, explicitar quaisquer pormenores. Gostaríamos de conhecer alguns aspectos da sua constituição.

R. — Tema vasto, cuja divulgação, relativamente e à maioria dos seus aspectos, se mantém ainda sob discreto sigilo, aliás compreensível, a descrição dos Mundos Subterrâneos constitui, mesmo assim, assunto deveras apaixonante.

Digo Mundos Subterrâneos, no plural, pois que, de facto, não devemos concebê-los como um mundo uniforme, quer sob o ponto de vista da sua localização geográfica, quer sob o da sua evolução respectiva ou das condições físicas e ambientais.

Segundo a tese de H. J. de Sousa, de resto confirmada pela antiquíssima tradição inserta, por exemplo, no **Vishnu-Purana**, através do diálogo metafórico entre **Parasava** e **Maitri**, o globo terrestre divide-se em três zonas diferenciadas e dispostas concêntricamente, ainda que se deva compreender esta distinção mais quanto ao nível relativo de evolução consciencial do que ao aspecto topográfico propriamente dito.

Partindo da crosta terrestre para o interior, ou seja, da periferia do planeta para o centro deparamos, sucessivamente, com o **Mundo de Duat**, depois, com o **Mundo de Agartha** e, finalmente, com a **Shamballah**, a **Paradesha** de todas as tradições.

Existe, contudo, um mundo intermediário, o **Mundo de Badagas**, o qual serve de **cobertura** aos mundos interiorizados. Reflexo e exteriorização dos mundos subterrâneos, situa-se tanto à face da Terra como subterraneamente.

Ora, verifica-se uma dada correlação entre os diversos estratos nos quais se situam os vários universos hominiais e os seus níveis de evolução respectivos. Há como que uma convergência que vai do mais externo para o mais interno. Quanto mais o mundo está interiorizado, mais elevado se apresenta o seu padrão evolucionar, mais privilegiado o nível das suas instituições culturais, sociais, científicas e tecnológicas.

Por isso, a humanidade evolucionante à face da Terra constitui o núcleo menos civilizado. O **Mundo de Duat**, conquanto em estado evolucionante, é extraordinariamente mais desenvolvido que o nosso. **Agartha** atingiu um grau de civilização inconcebível para nós, com magnífica organização sócio-económica, alto desenvolvimento científico e tecnológico, elevado nível ético e cultural, ante o qual a nossa humanidade mais parecerá uma verdadeira raça de bárbaros. Quanto a **Shamballah**, bastará dizer que ela representa a expressão síntese, superada, da evolução da Raça e que encerra em si, como paradigma humano, o tipo de Homem Cósmico.

Vejamos como esta correlação se aplica no plano físico, por exemplo. Analisemos o problema da iluminação nos mundos subterrâneos. Diz-se, habitualmente, que um Mestre, um sábio, é um **Iluminado**. A marcha da evolução, tanto individual como colectiva, processa-se das trevas para a luz, da ignorância sombria para a sabedoria iluminada. E sendo assim, se no seu

⁽⁵⁾ Explora o interior da Terra. Rectificando, descobrirás a pedra oculta.

Anónimo de Sintra

aspecto solar a senda da luz se opõe dialecticamente à da sombra, lunar, forçoso se torna reconhecer que o regime deve variar, que os ciclos de luz e sombra se diferenciem e que o índice de luminosidade aumente à medida que se converge para o interior, para o Sol Central.

Enquanto à face da Terra o ciclo se divide em duas partes semelhantes, uma de luz e outra de trevas, no **Mundo de Duat** a proporção é de dois terços de luz para um terço de sombra, porquanto aí ainda o tempo se distribui por fracções de actividade e de repouso. No **Mundo de Agarth**, o mais interiorizado, o mais evoluído, no sentido antropológico, não existe mais noite. **Agartha** é o plano onde reina a eterna luz. Daí, como já referimos, chamarem-lhe as tradições a **Bela-Aurora**.

Contudo, e aqui se depara com o perigo das generalizações, em **Shamballah**, que simboliza o **Monte-Mer**, o **omphalos** ou núcleo espiritual do globo, reinam as trevas eternas. Lá, onde as maiores trevas existem, brilha na verdade a Maior Luz, pois **Shamballah** é a Morada Oculta dos Deuses, dos seres luminosos por excelência, onde tudo se processa numa nova dimensão paralela, na claridade perene.

Os habitantes dos Mundos Subterrâneos dominam todos os idiomas da face da Terra, mas eles mesmos falam uma língua a que Saint-Yves denomina de **Vattan** e Ossendowski de **Vatannam**. Linguagem de amplitude cósmica, universal, adequada e rigorosa nas suas infinitas aplicações, susceptível de exprimir o carácter real das coisas e dos seres, ainda que **esquecida** por nós, desde a submersão das últimas ilhas remanescentes da Atlântida, a **Ruta** e a **Daitya**, está na base dos idiomas correntes e dela dimanam os caracteres védicos. Herdeiros da grande civilização ante-diluviana do continente perdido de Mu, eles possuem todos os conhecimentos acumulados pela evolução ao longo dos milénios nas suas bibliotecas. Os arquivos universitários da **Paradesha**, que se mantêm completamente inacessíveis aos profanos, distribuem-se por milhares de quilómetros sob os continentes e os oceanos. Somente o Senhor do Mundo e os seus principais assessores detêm a chave total do catálogo desta biblioteca verdadeiramente planetária.

Saint-Yves afirma que o território de Agarth e a sua vasta população de cerca de vinte milhões de seres estão organizados sinarquicamente. Desnecessário, pois, insistir no facto de que todos os malefícios conhecidos das nossas sociedades contemporâneas foram, em definitivo, superados.

Detentora, não só, de toda a tradição, mas ainda depositária dos elementos arquetipais da evolução dos futuros ciclos, **Agartha** está dividida em sete regiões chamadas **Dwipas**. Cada **Dwipa** é dirigida por um Grande Iniciado, um **Dwija**, e vibra sob o efeito duma tónica específica, um estado de consciência próprio, como expressão de um astro, de um raio hierárquico, de uma entidade cósmica ao qual está vinculada, e vai reflectir-se nas instituições, nos seres, na fauna, na flora.

Diz-se que nesse mundo, onde reina uma temperatura ideal, os habitantes aparentam uma extraordinária juventude, pois dominam o processo de regeneração das células e fruem uma vida eugénica, em harmonia com as leis da Natureza. Não admira. Desde a sua interiorização, após os cataclismos de Mu, a evolução dessa humanidade prosseguiu sem qualquer solução de continuidade. E se nos lembrarmos que a civilização atlante havia atingido no seu apogeu, antes da catástrofe, um nível nem de longe conquistado pela humanidade actual, à face da Terra, então compreenderemos que homens que atingiram a dimensão de deuses, sob a égide do excelso Senhor do Mundo, **Melki-Tsedek**, deslocando-se em poderosas aeronaves, os «discos voadores», nos vigiam como irmãos mais velhos, acompanhando paternalmente os nossos passos ainda incertos e infantis, desde o silêncio do Coração da Terra, lá onde o Verbo ressoa ao ritmo Universal.

Apêndice de “A TERRA OCA”

P. — Não duvida, então, da existência dos «Discos Voadores» nem da sua origem intraterrestre?

R. — Com certeza que não. O escritor Desmond Leslie, de parceria com o astrónomo George Adamski, no livro «Flying Saucers Have Landed», demonstra, à sociedade, a permanência de um substracto relativo aos **Discos voadores** na tradição oral, escrita e monumental de todos os povos. Leslie cita uma vasta e pormenorizada bibliografia muito útil às pessoas interessadas no estudo deste problema. É proveitosa, também, a leitura das obras de James Churchward, as quais contêm abundantes sugestões acerca da natureza dos veículos aéreos utilizados no continente perdido de Mu.

Quer na grande epopeia de Rama, o **Ramayana**, quer no **Mahabharata**, para falar da literatura clássica indú, enxameiam as descrições e histórias de aeronaves de todas as formas, cuja propulsão implica o aproveitamento de energias ainda não dominadas pela nossa ciência, tais como a força **akashica**, o **vril** a que alude B. Lytton, o **mash-mask** dos Atlantes. Mas em muitas mais obras da antiguidade deparamos com inúmeras referências àquilo que os indús apelidam de **Vimanas**, os chineses poeticamente os **Dragões de Fogo**, os mongóis de **Vaïdorges**. Desmond Leslie cita, entre outros, o **Popul-vuh** dos Qeshuas e as obras tibetanas Tantjua e **Kantijua**. Não vale a pena, pois, insistir mais no assunto.

O ilustre investigador Nicholas Roerick teve a rara oportunidade de colher referências, nos mosteiros de Narabanthikure, acerca do mistério do Mundo Subterrâneo e das suas naves interplanetárias. Um dia, quando se encontrava próximo da cidade de Leh, em Kashmir, viu surgir das profundezas do espaço e da noite um desses discos luminosos, flamígeros. Recordou-se, então, das palavras do seu velho amigo Dharadkin quando lhe dizia: «São os sinais de **Shamballah**, do mundo encantado, cujo soberano é o excelso **Maha-Guru**, o Rei do Mundo».

Na verdade, os **Vimanas** — forma que preferimos à dos **Discos-Voadores** — são de origem intraplanetária, saindo e penetrando pelas grandes embocaduras polares e outras mais. Existem várias bases de Vimanas disseminadas pela superfície do orbe, umas de carácter planetário, outras, estações de inter-comunicação planetária, como na cordilheira dos Andes, no maciço dos Himalayas, em certas ilhas do Pacífico.

Contudo, é-nos necessário admitir que nem todos os veículos interplanetários terão origem intraterrestre, porquanto, muitas das astronaves que nos visitam provêm, não só, de outros planetas do nosso sistema, como de outros sistemas solares e, até, de outras galáxias.

No que concerne ao nosso sistema solar, sempre se manteve uma ininterrupta permuta e um assíduo contacto, desde tempos imemoriais, entre o nosso planeta e o restante conjunto planetário, a partir dos mundos subterrâneos. Referimos que cada região, ou **Dwipa**, de **Agartha** possui um estado característico de consciência. Pois bem, podemos aduzir, e aqui faremos uma pequena revelação, que cada **cidade** de **Agartha**, como expressão ideoplástica da arquitectura cósmica, representa um dos planetas considerados sagrados (isto é, ao nível de evolução interplanetária) do nosso Sistema sideral.

Ora, este facto justifica, por si só, os frequentes relatos que nos descrevem tripulantes dos **Vimanas** falando um inglês fluente, impecável, ou outro idioma terreno qualquer, tentando explicar ao surpreendido terrícola a sua proveniência de Vénus ou de Marte...

Sem desejarem denunciar a sua origem intraterrestre, a sua procedência da **Paradesha** Imortal, habilmente mascaram um certo tipo de verdade com outra verdade... não menos verdadeira!

P. — Referiu-se à Organização Sinárquica de **Agartha**; tem a sinarquia agartina qualquer semelhança com sistemas sócio-políticos conhecidos?

R. — É sempre difícil, e mesmo imprudente, procurar definir conceitos que não se integrem na esfera gnoseológica duma dada época. Neste caso, as palavras tornam-se inadequadas, impotentes, a toda e qualquer explicitação. Alguns raros homens conseguiram penetrar ou intuir uma tal ideia e tentaram delineá-la através das suas obras. Thomas Morus com a sua **Utopia**, Campanella na **Cidade do Sol**, Platão na **República**, Bulwer Lytton no seu perturbante livro «The Coming Race»⁽⁶⁾, legaram-nos como que um vislumbre dessa **Res-publica** ideal, sinárquica, apenas pressentida nas suas utopias.

Outros raros iluminados e condutores de povos conseguiram, mesmo, instaurar regimes de inspiração sinárquica, infelizmente votados ao insucesso pelo antagonismo das forças **nemrodistas**, isto é, **cesaristas**, as quais sempre entram em conflito com o sinarquismo de matiz **ramânico**.

Lembremos a Sinarquia de Rama, que durou cerca de 35 séculos e se disseminou por quase toda a terra habitada; lembremos a Organização Sinárquica do povo de Israel e a sinarquia chinesa de Fo-Hi; recordemos, enfim, a tentativa frustrada mais uma vez pela acção do **cesarismo**, da estrutura sinárquica preconizada na Idade-Média pela Ordem dos Templários.

Segundo Saint-Yves d'Alveydre descreve na sua obra **Mission de L'Inde en Europe**, a Sinarquia de **Agartha** é constituída por Iniciados de elevado grau. Partindo da base para o vértice da pirâmide, a organização hierárquica escalona-se deste modo: em primeiro lugar, ou seja, na base, situam-se alguns milhões de **Dwijas** (nascidos duas vezes) e de **Yoghis** (unidos em Deus); vêm, depois, os cinco mil sábios que asseguram e ministram o ensinamento, os quais constituem a hierarquia universitária de **Agartha**; seguem-se, dispondo-se em hemiciclos cada vez menos numerosos, as circunscrições solares, compostas por trezentos e sessenta e cinco **Bagawandas**, que exercem funções hierofânticas. Por último, temos o círculo mais próximo do centro, o que reúne os doze membros representantes do estado supremo de iniciação: são os **Goros** a que se refere Ossendowski no seu livro «**Animais, Homens e Deuses**», os ministros do Supremo Ancião, o Soberano Pontífice Universal.

É evidente que o número de elementos constituintes da hierarquia agartina, os três níveis superiores, exprime uma relação cósmica bem definida no axioma hermético da Tábua de Esmeralda «O Tudo está no Todo; o que está em cima é como o que está em baixo». Assim, os cinco mil Instrutores, ou corpo de sábios, correspondem ao número de raízes herméticas da língua védica; os trezentos e sessenta e cinco **Bagawandas** representam os dias do ano; os doze membros do círculo supremo, os **Goros**, relacionam-se, entre outras coisas, com os doze signos de Zodíaco.

Na constituição sinárquica de **Agartha**, observamos, pois, três níveis hierárquicos que correspondem aos três vértices de um triângulo de realização. A sociedade sinárquica assenta, com efeito, num conceito trinitário, em ordem à lei científica do organismo social e da estrutura do ser. E sendo assim, a Sinarquia tem por fundamento princípios universais, no qual se insere o homem, considerado não neste ou naquele aspecto particular, não nesta ou naquela dimensão parcial, como a dimensão sócio-económica, por exemplo, mas na sua totalidade, como um ser integral, expressão e síntese da Lei Orgânica da Vida.

É aqui, pois, que o ideal da utopia se concretiza, o de uma **República** governada por filósofos. Mas convém ainda entender o termo filósofo no seu sentido original. Filósofo, não como amigo do saber, dos vários saberes, mas da Sabedoria, numa palavra, da Sageza.

Um povo, é uma colectividade, um ser colectivo vivo. A acção política de um governo sobre um povo não pode permanecer abstracto sem perigo de dissolução. Na medida em que os sistemas sociais não souberam, até hoje, fundar-se numa filosofia científica das estruturas

⁽⁶⁾ «A Raça Que nos suplantarão».

Apêndice de “A TERRA OCA”

biológicas da evolução, mas em concepções arbitrárias e fragmentárias, afirmam-se, por consequência, como sistemas políticos de constituição anárquica. À ordem social orgânica de **Agartha** substitui-se a desordem sistemática dos regimes à face da Terra. No fundo, trata-se da problemática, binómio Poder-Autoridade.

Resumindo, a humanidade **exterior** cria utopias quando persegue seus ideais. Em Agartha, os Filósofos, os **Dwijas** (nascidos duas vezes) vivem, realizam objectivamente a Utopia. E na medida em que a Utopia de Agartha transcende a contingência das instituições humanas exteriores, em mutação, ela opõe a Sinarquia à Anarquia.

NOVA INSTRUCÇAM FILOSOFICA⁽¹⁾

(da autoria de Fr. Francisco de Vasconcelos, Freire professo da Ordem militar de S. Bento de Aviz, Mestre em Artes, e Doutor na Sagrada Theologia)

Lisboa, ano de 1761.

INSTRUCÇAM VI

«Em que se dá notícias dos hydrofilacios ou receptaculos de agoa, que residem nas entranhas da terra, a que o mar se comunica por diferentes portas e aberturas, que para esse fim lhe franqueou a natureza»

[...] Ainda dizem mais alguns filósofos; e é que não só se precipita o mar a estes caudalosos abysmos, senão que também se comunica circularmente pelo corpo da terra, imitando a circulação contínua que o sangue faz pelas veias de qualquer corpo, que se anima com alma sensitiva; em tal forma, que baixam às entranhas da terra por muitas partes as agoas marítimas por ter o solo do mar para esse fim diferentes portas: **singularmente se despenham por uma porta mui dilatada que os Geógrafos tem descoberto debaixo do polo Artico⁽²⁾**: dividindo-se logo em vários ramos, que são as veias, e ocultos condutos, por onde se vão comunicando, sucessivamente repartindo por todo o globo terráqueo; e tornando-se depois a unir saem também continuando o seu curso por **outra dilatada porta, que há debaixo do polo Antártico**: novamente se espalham pelo líquido elemento e depois de formarem varias correntes tornam outra vez a baixar pelo polo Artico [...]

[...] estabelecem os Authores todo este discurso na maravilhosa relação que fizera o que por arte diabólica fora levado a registar ambos os polos da terra, porque dizem, que confessara tinha visto a franqueza das portas, por onde estão entrando e saindo continuamente as agoas marítimas, sendo assim que bastava para comprovar a circulação destas agoas não poderem chegar os navios, sem ainda aproximarem-se aos polos sem evidente perigo de padecerem o naufrágio; argumento e manifesto indício **de precipitar-se o mar por um, e sair por outro polo** [...]

⁽¹⁾ Respeita-se a grafia original.

⁽²⁾ Texto a negro, em redondo no original. (N. E.)